

URBANISMO

Na avenida que concentra o poder do país, cds piratas e todo tipo de produto contrabandeado são vendidos livremente. Barracas ficam em área tombada pela Unesco

Fotos: Daniel Ferreira



EM FRENTE AO MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO, AMBULANTE OFERECE DOCES, BISCOITOS E OUTROS QUITUTES. VENDEDORES RECLAMAM DA FALTA DE OPORTUNIDADES NO MERCADO FORMAL

O camelódromo da Esplanada

FABÍOLA GÓIS

DA EQUIPE DO CORREIO

De alhos a bugalhos, de tudo se vende na Esplanada dos Ministérios. Inclusive material contrabandeado e falsificado. Em frente ao Ministério da Cultura, compram-se cópias piratas dos últimos lançamentos de artistas brasileiros e estrangeiros. As capas de celulares falsificadas são oferecidas ao lado do Ministério da Ciência e Tecnologia. Comida de origem desconhecida é vendida em marmítex na esquina do Ministério da Saúde.

O mercado ilegal corre solto no centro do poder do país. Na quinta-feira passada, das 10h às 12h, o Correio contou 37 ambulantes, com bancas fixas e móveis, 11 carrocinhas de picolés e uma de pipoca, só embaixo dos 17 blocos das sedes dos ministérios. A maioria continuava no mesmo lugar.

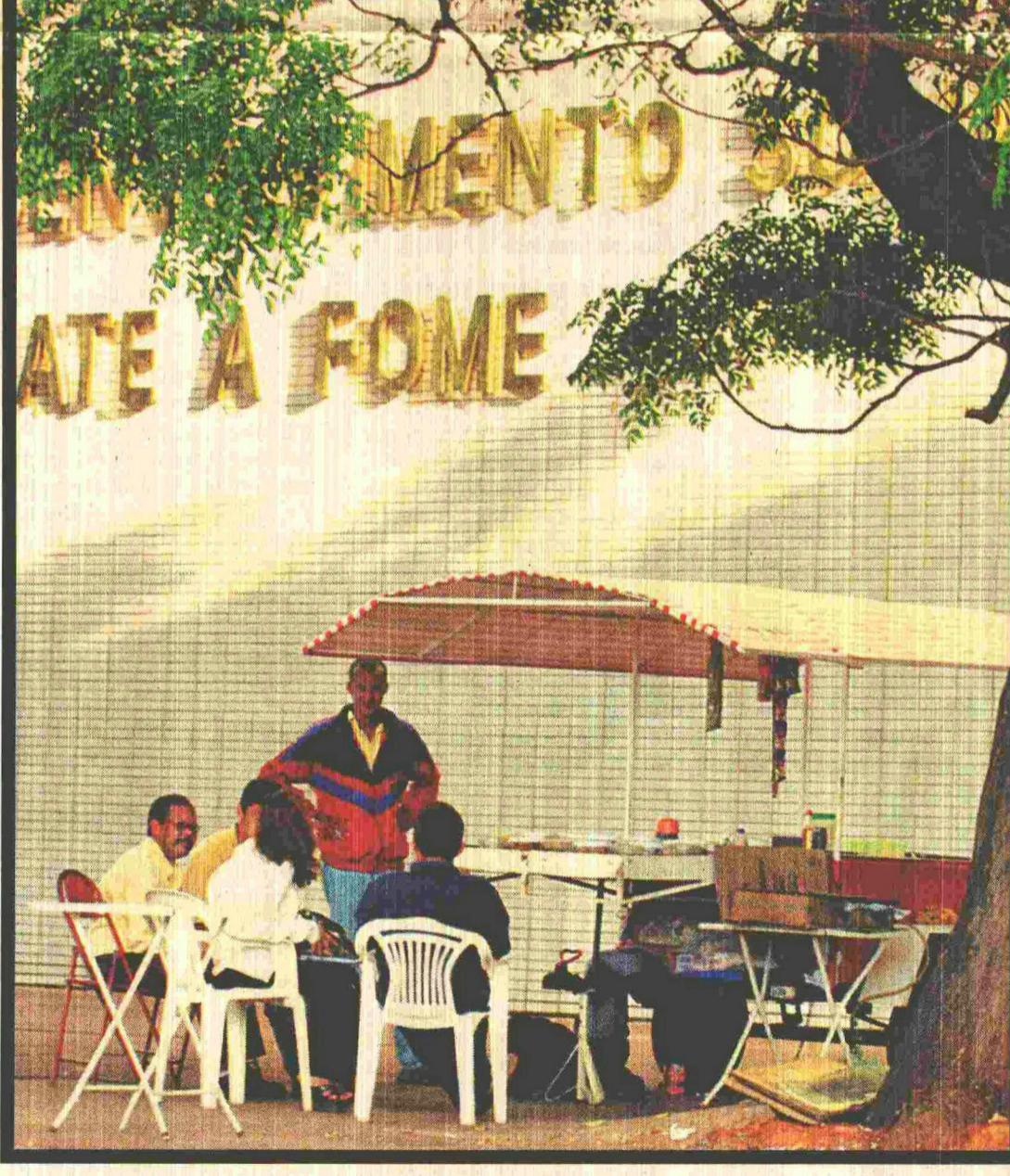
Bancas de frutas, de biscoitos, de salgados, misturam-se em meio a carrocinhas de picolé e barracas com quinquilharias, que transformam a larga e arborizada avenida desenhada pelo urbanista Lucio Costa em um camelódromo. Via que fica dentro da área tombada de Brasília, reconhecida pela Unesco como Patrimônio Histórico da Humanidade.

Os clientes vão de visitantes a funcionários do primeiro escalaço do governo federal e do Congresso Nacional. Eles argumentam que a comida é cara nos restaurantes e lanchonetes nos prédios dos ministérios e dos poderes legislativo. Nem todos os prédios possuem lanchonete ou restaurante.

Carne de porco

O espaço físico do restaurante no prédio dos ministérios da Integração e da Ciência e Tecnologia, por exemplo, é considerado muito pequeno para oferecer refeições para os mil servidores. A dois blocos dali, Evangelina Rodrigues da Silva, 57 anos, vende quentinhos com carne de porco, de boi, peixe e frango há 11 anos. A maioria dos clientes compõem-se de funcionários do Ministério da Saúde e motoristas de táxi que fazem ponto no estacionamento.

As refeições saem por R\$ 3 ou R\$ 3,50, dependendo do tama-



SEM FISCALIZAÇÃO: NA CALÇADA DO MINISTÉRIO DE COMBATE À FOME, BARRACA VENDE SANDUÍCHES E BEBIDAS

nho da marmita. O dinheiro da comida sustenta a família de Evangelina. Nos dias de grande movimento, ela vende até 70 porções. Nas férias, cai para 40, em média. "Se tivesse outra opção, não estaria aqui, no sol quente, vendendo comida", alega a ambulante.

Cliente de Evangelina, a recepcionista de uma firma terceirizada do Ministério do Trabalho, Viviane Lima, 29 anos, reclama da falta de alternativas baratas para o almoço. "Ganho pouco para almoçar e lanchar nos restaurantes dos ministérios", afirmou. À tarde, ela compra frutas nas barracas próximas aos prédios.

Um dos vendedores de frutas mais antigos da Esplanada tra-

baja ao lado do Ministério da Saúde. Salomão, como é conhecido e gosta de ser chamado, oferece mamão, abóbora, banana, laranja e melancia, há dez anos. Não quis dar entrevista. Disse apenas

que não tem outra opção de emprego. Assim como os demais ambulantes da Esplanada, ele não tem licença e nem permissão para vender seus produtos.

Apoio

Alguns donos dos restaurantes não reclamam da concorrência. "Aqui tem mercado para todo mundo. O que eu faço, eles não fazem", afirmou Vânia Ferreira Caixeto, que há seis anos mantém um estabelecimento no Ministério da Integração. Antes de se tor-

nar empresária, ela vendia pães caseiros na Esplanada. "Tenho certeza que se os ambulantes tivessem emprego fixo não precisariam estar oferecendo produtos no meio da rua", ponderou.

Gerente do restaurante do Ministério da Saúde, Keila Souza concorda com Vânia. Para ela, há muitos trabalhadores na Esplanada, com gostos diferentes.

"Nossa comida é barata (R\$ 10,50 o quilo, com sobremesa e suco). Se alguém não quer comer aqui, não é porque é caro. É porque prefere outras coisas", disse. Diariamente, 700 pessoas almoçam no restaurante de Keila, incluindo servidores dos ministérios, do Congresso Nacional e do Palácio do Itamarati.

Agressão ao tombamento

O arquiteto Carlos Magalhães, representante de Oscar Niemeyer em Brasília, critica os governos Federal e local por ter permitido durante tantos anos a presença de vendedores ambulantes na Esplanada dos Ministérios. "Esse é um problema que nunca vai ser resolvido, por causa do populismo. Os responsáveis pelos ministérios fazem pressão para que eles fiquem, e os funcionários também", afirmou. Para Magalhães, o comércio na Esplanada fere o tombamento da cidade.

O advogado Carlos Pontes, do Conselho de Gestão de Preservação da Área Tombada de Brasília (Conpresb), concorda com Carlos Magalhães e diz que a cidade inteira precisa de uma "assepsia".

Pontes cita as imediações do Banco Central, no Setor Bancário Sul, como exemplos. Lá, existem ambulantes que, para ele, são uma intervenção perversa da paisagem. "A instituição recebe visitas de missões do FMI. Que impressão os integrantes têm? Que aqui é uma republiquetá de banana", reclamou.

Fiscalização

O secretário de Fiscalização de Atividades Urbanas do DF, Almir Maia, recém-empossado no cargo, garantiu, sexta-feira, que mandaria uma equipe remover as barracas na Esplanada. "Identificamos 17 barracas que vendem lanches. Elas estão irregulares. As operações de remoção voltarão a ocorrer", prometeu.

Almir Maia afirmou ainda que a secretaria recebeu denúncias recentes de vendas de CDs piratas e de vale-transporte na porta dos ministérios.

Mas ontem, os mesmos ambulantes permaneciam na Esplanada.